

<https://doi.org/10.5965/24471267712021225>

A superstição da cor preta

Mário de Andrade¹

¹ In: Boletim Luso-Africano. Rio de Janeiro, dezembro de 1938. Texto extraído de: Mostra do Redescobrimto: Negro de Corpo e Alma. Nelson Aguilár (org.). Fundação Bienal de são Paulo. São Paulo. Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, p. 388-389.

ISSN: 2447-1267

Na sessão solene realizada pelas associações negras de São Paulo no dia dois de maio, para celebrar o cinquentenário da Abolição, não pude deixar de sorrir melancolizado ouvindo um dos oradores negros da noite falar em “negros de alma de arminho”. Assim, era ele mesmo, um negro, a esposar essa fácil e trágica antinomia de origem branco-européia pela qual se considera a cor branca simbolizadora do Bem e a negra simbolizadora do Mal. Mas não é apenas este orador negro a esposar a detestável tradição branca do simbolismo das cores. Conta Paulo Prado que era costume entre os negros a frase feita “negro sim, porém direito”, da mesma forma com que os brancos, carinhosamente (carinhosamente?), diziam dos escravos velhos serem “negros só na cor”, como registrou Vieira Fazenda, ou mais geralmente até agora falar-se em “negro com alma de branco” ou “com alma branca”... Em Portugal correu também o provérbio:

“Ainda que negro é,
Alma tem, honra e fé”

Se qualquer de nós, Brasileiros, se zanga com alguém de cor duvidosa e quer insultá-lo, é freqüente chamar-lhe: - Negro! Eu mesmo já tive que suportar esse possível insulto em minhas lutas artísticas, mas parece que ele não foi lá muito convincente nem conseguiu me destruir, pois que vou passando bem, muito obrigado. Mas é certo que, se insultamos alguém chamando-lhe “negro”, também nos instantes de grande carícia, acarinhamos a pessoa amada chamando-lhe “meu negro”, “meu nêgo”, em que, aliás, socialmente falando, mais verdadeiro apodo subsiste, o resíduo escravocrata do possessivo: negro, sim, mas meu...

No Brasil não existe realmente uma linha de cor. Por felicidade, entre nós, negro que se ilustre pode galgar qualquer posição. Machado de Assis é o nosso principalíssimo e indiscutido clássico de língua portuguesa e é preciso não esquecer que já tivemos Nilo Peçanha na presidência da República. Mas semelhante verdade não oculta a verdade maior de que o negro entre nós sofre daquela antinomia branco-européia que lembrei de início, e que herdamos por via ibérica. Isso talvez possa um bocado consolar o negro da maioria dos apodos que o cobrem. É ver que o branco, o possível branco, o despreza ou insulta exclusivamente por superstição. Pela superstição primária e analfabeta de que a cor branca simboliza o Bem e a raça simboliza o Mal. Não é porque as culturas afro-negras sejam inferiores às européias na conceituação do progresso ou na aplicação do individualismo; não é, muito menos, porque as civilizações negras sejam civilizações “naturais”; não foi inicialmente por nenhuma inferioridade técnica ou prática ou intelectual que o negro se viu depreciado ou limitado socialmente pelo branco: foi simplesmente por uma superstição de cor. Na realidade mais inicial: se o branco renega o negro e o insulta, é por simples e primária superstição.

Em quase todos os povos europeus, o qualificativo “negro”, “preto”, é dado às coisas ruins, feias ou malélicas. É por isso que nas superstições e feitiçarias européias e conseqüentemente nas americanas a cor preta entra com largo jogo. Já Leite de Vasconcelos o observou muito bem. Hermann Hurltel, refletindo que seria porventura o aspecto exterior rebarbativo dos judeus que os tornou culpados das atribuições

de feitiçaria que os Portugueses lhes davam, conclui que esse foi certamente o caso dos negros. Aliás, entre os próprios negros africanos, a antítese branco-negro para simbolizar o Bem e o Mal persiste, sendo difícil já agora dizer se tradição deles mesmos ou lhes transmitida pelos brancos europeus. Os Hotentotes, os Congueses e outros povos bantos guardam a tradição de um castigo que lhes teria dado a inferioridade de cor, entre certas tribos de Moçambique grassa uma lenda curiosa que parece inspirada no caso bíblico de Noé. Lá se conta que uma vez o bom deus Mulúcu tendo tomado uma bebedeira, tirou as roupas e caiu nu no meio da estrada. Então passaram os africanos e caçoaram de Mulúcu. Depois passaram os europeus que o cobriram de folhagem para esconder o ridículo do deus nu. E Mulúcu, por isso, castigou os africanos tirando a inteligência deles e lhes dando a cor preta. Porém, macacos me mordam se não foi algum europeu que botou esta malvadeza, no lendário dos Moçambiques... A cor preta é sinistra, e para os europeus simboliza tristeza e luto. Na Beira Baixa registrou-se a seguinte quadrinha:

“Chita preta, chita preta,
Chita preta entrançada,
Por causa da chita preta
Ando triste, apaixonada”.

“Casa Maria com Pedro? Casamento negro”, dizem no Turquel, e entre os provérbios e frases feitas portuguesas, registradas por Perestrelo da Câmara, vem a comparação: “negro como a alma do diabo”. Na feitiçaria e na superstição europeias agem o galo preto, o gato preto, o porco preto, a ovelha preta, o papão negro, o bode preto, etc. Em Portugal se diz que é bom ter sempre uma galinha preta em casa, porque as desgraças cairão todas sobre a ave; ao que em Vila Rica de Famalicão se especifica melhor que a galinha preta afugenta qualquer doença. Em Vila Real, a borboleta branca é sinal de boa notícia, e a preta de má, pelo que a matam. No Alentejo, galo cantando de noite todas as coisas se espalham, e se é preto então a desgraça inda é maior.

Na feitiçaria, o preto é também duplamente usado: 1º como a cor do mal; 2º - mas tão detestável que afugenta o próprio mal. O bode preto é o das bruxas e bruxedos europeus, que veio feminilizar-se entre nós na cabra preta dos catimbós e candomblés. Num curioso texto português setecentista, As Bruxas Namoradas, elas invocam o bode preto diabólico pela boca de Bruxamaia, em decassílabos mais ou menos frouxos:

“Correio da ferra, ó bodes cor da noite,
Acendei com as caudas a fogueira!”

No Auto das Fadas, de Gil Vicente, o galo é preto, o gato é preto, o bode é preto, o corvo e o pez são pretos. E mais: o próprio “sino salmão”, o signo de Salomão, está

“metido num coração de gosto preto”.

Mas que o preto chegue a horrorizar as próprias bruxas européias, não há dúvida. Leite de Vasconcelos, ainda uma vez, colheu um refrão usado pelas bruxas portuguesas de Alcobaça, que diz assim:

“Galo branco?
Não me espanto.
Galo loiro?
É agoiro.
Galo preto?
Não me meto!”

E essa é a crença mais universal, como prova outro autor pela Revista Lusitana, vol. XXI. A cor preta é tão horrível que é da maior eficácia como exorcismo, usada para afastar bruxedos e feitiçarias e quase todos os malefícios extranaturais. Em todo caso é possível, por motivos econômicos, não ser muito exigente com a cor negra... É ainda em Portugal (Turquel) que corre o provérbio condescendente:

“Negro é o carvoeiro
Branco é o seu dinheiro”.

Esta a superstição primária, pueril e depreciativa, que botou os negros no ostracismo do Bem. Não se trata de uma questão antropológica, nem de estupidez de um Gobineau ou de um ariano, nem de uma comparação de culturas; se trata de uma simples superstição de cor, anterior ao convívio histórico de pretos e de brancos, que se descarregou sobre as raças negras dominadas. Aplicou-se ao preto homem o que se dera à cor preta, fosse na chita ou no pelo do bode. E o homem preto chega a ser por isso o próprio diabo. Quando este aparece no famoso desafio que teve com Manuel do Riachão, aparece na pessoa de um negro. Lindolfo Gomes, lembrando a tradição do “negro velho” em cima do telhado, que recolheu em Minas, verifica também que ele é o símbolo do demônio, a quem o povo ainda chama de “negro sujo”. Às vezes, pela cor que tem, é um valor exorcístico, afasta as desgraças e dá felicidade; outras vezes, pela cor que tem, é um valor invocativo, chama as desgraças. Preso por ter cão, preso por não ter cão... Já em Portugal, ver uma mulher preta dá infelicidade, mas ver um preto dá felicidade; ver um casal é felicidade garantida. No Norte brasileiro, ver um padre e depois um soldado traz felicidade, mas ver um padre

e depois um negro traz desgraça. Em Barretos, viajante encontrando negro velho na estrada é sinal de desastre na viagem. Entre outras superstições colhidas por Edmund Krug em nosso estado, preto vestido de branco dá possibilidades da gente se avistar com a pessoa amada e a contagem de pretos entra nas sortes do amor e da loteria, mas também ver preto cambaio é sinal de desgraça e sonhar com preto conhecido é doença, desgosto ou a própria morte na família.

Todas estas observações podem ser mesquinhas como elevação moral do homem branco ou muito interessantes como folclore, mas é realmente trágico a gente verificar que foi duma simples superstição inicial, uma questão de cores-símbolos, que o branco derivou o seu repúdio, a sua repulsa por toda uma larga porção da humanidade, as raças negras. Deus onisciente nas coisas da eternidade também é onisciente nas coisas da terra... Os dois grandes castigos terrestres registrados pela Bíblia o provam bem. Querendo castigar os israelitas, Deus tirou-lhes a pátria, querendo castigar os filhos de Cam, deu-lhes a cor. Por acaso virá o dia em que celebremos o homem, liberto de suas trágicas superstições?